

---

EXPERIÊNCIA DISTÓPICA NAS NARRATIVAS *ANIMAL FARM*, DE  
GEORGE ORWELL (1945) E *FAZENDA MODELO – NOVELA PECUÁRIA*  
(1974), DE CHICO BUARQUE

DYSTOPIC EXPERIENCE IN THE NARRATIVES *ANIMAL FARM*,  
BY GEORGE ORWELL (1945) AND *FAZENDA MODELO – NOVELA*  
*PECUÁRIA* (1974), BY CHICO BUARQUE

Agnaldo Rodrigues da Silva<sup>1</sup>

Thainá Aparecida Ramos de Oliveira<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo, pensado teoricamente pelo viés da distopia, objetiva analisar as narrativas *Animal Farm*, de George Orwell (1945) e *Fazenda Modelo – Novela Pecuária* (1974), de Chico Buarque, produções que articulam representações sociais complexas, geradas em contextos históricos de distintas motivações culturais e políticas. A escolha do *corpus* deu-se porque os enredos apresentam a configuração do autoritarismo e também de governos totalitários e ditatoriais, fatores esses que possibilitam um debate sobre o conceito de distopia e sobre a função da literatura, que não se fixa apenas na ideia de fruição estética, mas se torna um elemento capaz de questionar as várias esferas sociais, culturais, políticas e humanas que promovem os movimentos de imanência e transcendência entre a ficção e a história.  
**Palavras-chave:** Literatura e autoritarismo. Distopia. *Animal Farm*. *Fazenda Modelo – Novela Pecuária*.

**Abstract:** This article, theoretically conceived from the perspective of dystopia, aims to analyze the narratives *Animal Farm*, by George Orwell (1945) and *Fazenda Modelo – Novela Pecuária* (1974), by Chico Buarque, productions that articulate complex social representations, generated in historical contexts of different cultural and political motivations. The choice of *corpus* was made because the plots present the configuration of authoritarianism and also of totalitarian and dictatorial governments, factors that allow a debate on the dystopia concept on the literature function, which is not fixed only on the idea of aesthetic fruition, but becomes an element capable of questioning the various social, cultural, political and human spheres that promote the movements of immanence and transcendence between fiction and history.

**Keywords:** Literature and authoritarianism. Dystopia. *Animal Farm*. *Fazenda Modelo – Novela pecuária*.

---

1 Professor Adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: agnaldosilva20@unemat.br

2 Doutora em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: thainaaroliveira@gmail.com

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em uma tentativa de definir a distopia, é comum considerá-la como uma recepção às mudanças históricas advindas das revoluções, ditaduras, totalitarismo, principalmente aquelas frutos do século XX, um contexto atravessado pelo medo e pela incerteza no tempo presente e também no futuro. Em meio a esses preceitos negativos, surge o questionamento: será que produzir distopias é apenas projetar na escrita temores que acometem a sociedade? Entende-se que esse arquétipo literário é sustentado pelo efeito negativo da sociedade, mas o seu objetivo não é somente descrever esses elementos, mas ao descrevê-los quer levar o leitor à reflexão sobre o contexto autoritário e opressor, como se fosse um sinal de alerta.

Diante dessas questões, o presente artigo objetiva tecer uma análise sobre as narrativas *Animal Farm*, de George Orwell e *Fazenda Modelo – novela pecuária*, de Chico Buarque, a partir do conceito de distopia. A escolha dessas obras parte-se da ideia de que ambas carregam faces do autoritarismo no enredo, assim como o processo de institucionalização configurador de um governo totalitário ou ditatorial. Essas produções estão imbuídas do discurso autoritário, perceptível no modo como ele é construído e, sobremaneira, na construção das personagens e no mundo em que elas estão ambientalizadas. A priori, pode-se considerar que os cenários em *Animal Farm* e *Fazenda Modelo* favorecem a verticalização da discussão, principalmente sobre a função da literatura que, ao superar a concepção da mera fruição estética, alcança a avaliação de valores culturais, políticos e existenciais do mundo em que se vive.

No que compete a essas considerações, Eric Arthur Blair, escritor inglês que ficou conhecido pelo seu pseudônimo George Orwell, enveredou pelos cenários jornalísticos e literários, desenvolveu um senso político e ideológico, construído a partir de 1936, quando o autor assumiu uma postura mais madura e olhares mais críticos em relação ao totalitarismo. É nesse cenário que a obra *Animal Farm*, publicada em 1945, traduzida no Brasil com o título *A Revolução dos Bichos*, surge como uma alegoria, produzida pelo contexto pós Revolução Russa. Nessa produção, os animais, cansados da escravidão imposta pelos humanos, resolvem organizar um sistema que afastaria o homem de sua convivência, criando uma sociedade mais livre e harmoniosa. A narrativa dá vida aos animais e faz o leitor refletir sobre as complexas relações pessoais, as relações trabalhistas e as perdas dos direitos fundamentais.

No cenário brasileiro, Francisco Buarque de Hollanda, artisticamente Chico Buarque, alinhou a sua escrita às questões sociais e políticas, seja na música, na dramaturgia ou na literatura. Além disso, assumiu uma postura atuante contra o regime militar brasileiro (1964-1985), momento em que o país esteve sob o comando dos militares que, de forma austera, aplicava a censura e opressão aos opositores. Esse foi o contexto de produção de *Fazenda Modelo: novela pecuária*, cujo enredo é uma reflexão a esse período sombrio da história brasileira, em que todas as personagens são bois e vacas, que viviam sob o austero comando do boi Juvenal.

Aproximar *Animal Farm* e *Fazenda Modelo* revela representações sociais complexas, geradas em contextos históricos de distintas motivações culturais e políticas. Orwell e Buarque desenvolveram o pensamento crítico na denúncia de mazelas sociais, promovendo a

interação e intervenção da literatura sobre a realidade histórica. As narrativas escolhidas expõem situações conflitantes de sistemas totalitários e ditatoriais, respectivamente, o que lhes conferem um caráter distópico.

## A FACE DA DISTOPIA

A configuração distópica promove um jogo de criação de mundos pautado em distintas conjunturas históricas que, sobremaneira, apontam para novas formas de pensar o tempo e o espaço. Soma-se a isso, o fato de que o conceito sobre utopia/distopia está relacionado às circunstâncias históricas, de modo que cada sociedade apresenta uma forma de encarar as experiências sociais, culturais e econômicas dos distintos momentos políticos; ademais, cada sujeito histórico lê o seu tempo de uma maneira diferente.

Distopia não é apenas uma projeção sombria do futuro, mas uma forma de recriar o tempo, mostrando as marcas negativas deixadas pelo homem. Como exemplo, podem-se citar os problemas relacionados à tecnologia e ao meio ambiente, o consumismo, ascensões de regimes antidemocráticos e diversos outros pesadelos da modernidade. Diante desse caráter negativo atribuído à distopia, é comum encontrarmos a definição do termo com significado oposto à utopia, no entanto, não se podem encarar os conceitos de modo tão reducionista.

Articulado a essa ideia, Booker, em *Dystopian Literature*, afirma que

dystopian thought can serve as a valuable corrective to this tendency, and therefore should be thought of as working with rather than against utopian thought. In the final analysis, the most important contribution of dystopian thought may be to provide opposing voices that challenge utopian ideals, thus keeping those ideals fresh and viable and preventing them from degenerating into dogma. By taking dystopian fiction seriously and by using the dystopian impulse as a focal point for polyphonic confrontations among literature, popular culture, and social criticism we as readers can contribute to this challenge, which is ultimately a positive one. Indeed, it may be that dystopian warnings of impending nightmares are ultimately necessary to preserve any possible dream of a better future (1994, p. 177)<sup>3</sup>.

O teórico considera a ideia de pesadelo para falar do distópico, mas acrescenta o caráter positivo na ideia de que essa escrita pode ser uma sinalização para o perigo de algumas realizações utópicas. Diante disso, “desafiar os ideais utópicos” talvez seja uma expressão que mais representa a distopia, considerando a criação de alguns enfrentamentos com a realidade, de modo que, características que na sociedade utópica eram vistas como sinônimo

---

3 O pensamento distópico pode servir como um corretivo valioso para essa tendência e, portanto, deve ser pensado como um trabalho ao invés do pensamento contrário ao utópico. Em última análise, a contribuição mais importante do pensamento distópico pode ser fornecer vozes opostas que desafiem os ideais utópicos, mantendo assim esses ideais frescos e viáveis e impedindo-os de degenerarem em dogmas. Levando a ficção distópica a sério e usando o impulso distópico como ponto focal para confrontos polifônicos entre literatura, cultura popular e crítica social, nós, como leitores, podemos contribuir para esse desafio, que em última análise é positivo. De fato, pode ser que avisos distópicos de pesadelos iminentes sejam necessários para preservar qualquer sonho possível de um futuro melhor. (BOOKER, 1994, p. 177, tradução nossa).

de desenvolvimento, nas distopias caracterizam traços negativos da sociedade.

Para exemplificar esse ideário, pode-se apropriar daquilo que a tecnologia representa em diferentes contextos, já que o mundo tecnológico plasma os espaços tanto das utopias quanto das distopias. De acordo com uma linha temporal, os meios tecnológicos começaram a se consolidar a partir da Revolução Industrial, em que a máquina ganhou conotações de aprimoramento da técnica, em favor do desenvolvimento; isto quer dizer que a tecnologia era o expoente máximo da modernidade. Embora se tenha esse fator positivo, o maquinário passou a ocupar as funções que até então eram feitas apenas pelo homem. É nesse momento que inicia um processo de “substituição”, mas também de condicionamento humano, isto é, o homem começa a restringir a sua capacidade reflexiva e passa apenas a responder e obedecer aos comandos do sistema.

O primeiro momento, o da tecnologia como efeito positivo na sociedade, será um dos ideais buscados pelo mundo utópico. Nesse, a tecnologia, juntamente com o cientificismo, molda um processo de racionalização da vida, que, de forma contundente, é um dos fatores que servirão como crítica ao utopismo. Portanto, os efeitos negativos advindos desse processo será matéria-prima que sustentará as bases distópicas, e isso significa que a distopia irá atacar o processo de mecanização humana, fruto de um mundo racionalizado.

A mecanização da existência está expressa nas obras em estudo e se reflete na organização daqueles espaços socioculturais e políticos imaginados por Orwell e Buarque, a partir de referenciais históricos. *Animal Farm*, através do projeto de criação de um moinho, advindo do animalismo, irá mostrar um movimento em que o ser se torna máquina a serviço do Estado, pois a vida começa a girar em torno dessa construção. Isso pode ser identificado nas ações da personagem Sansão que desconsidera suas limitações físicas e trabalha, arduamente, em função da construção daquele maquinário que facilitaria a vida em comunidade. A frase “trabalharei mais ainda”, dita pela personagem, constitui um refrão que marca esse processo de objetificação do ser.

Em *Fazenda Modelo*, a crítica ao processo tecnológico está mais atenuante e, além disso, está associada a outra característica da distopia, o controle da sexualidade. Essa associação pode ser percebida através do programa desenvolvimentista idealizado por Juvenal, o *Esperma Export*, que almejava a construção de um espaço modelo. A criação desse novo cenário implica em abolir a naturalidade da vida e instaurar uma mecanização, inclusive do ato sexual e da reprodução da espécie, a fim de promover uma linhagem de melhor porte, conforme apontava os manuais científicos lidos por Juvenal.

Além da tecnologia, Booker salienta outras características que modelam as distopias e “of science and technology, religion, sexuality, literature and culture, language, and History” (1984, p.21)<sup>4</sup>. Essas caracterizações são trabalhadas pelo teórico como base para o argumento de que o desenvolvimento da vertente distópica tem uma relação com o desenvolvimento histórico e cultural da sociedade. Sobre isso, o autor diz:

I consider the principal literary strategy of dystopian literature to be defamiliarization: by focusing their critiques of society on imaginatively distant settings, dystopian fictions provide fresh perspectives on problematic social and political

<sup>4</sup> de ciência e tecnologia, religião, sexualidade, literatura e cultura, idioma e história (tradução nossa).

practices that might otherwise be taken for granted or considered natural and inevitable.<sup>5</sup>

Para melhor sustentar essas ideias, o autor irá se respaldar em alguns teóricos, tais como: Nietzsche, Freud, Bakhtin, Adorno, Foucault, Althusser, nomes que trazem em suas argumentações, cada qual com as suas particularidades, ideias distópicas e sua relação com o tecido social. De modo geral, as distopias buscam construir sujeitos que correspondam as suas ideologias do Estado dominante. Por mais que essas literaturas, em sua raiz, expressem uma ideia de futuro<sup>6</sup> através de um efeito de distanciamento com a realidade do autor, isso se encontra mais próximo do contexto de escrita do que possa parecer.

As distopias mostram uma sociedade que se transformou ou está em processo de transformação, porém a mudança não é positiva. Isso pode ser constatado no final de *Animal Farm* e *Fazenda Modelo*, pois apresentam ao leitor o fracasso de um sistema e, conseqüentemente, de um projeto desenvolvimentista (*Animalismo* e *Esperma Export*, respectivamente) que se perdeu em meio a uma política opressora.

Ao longo da narrativa buarqueana percebe-se um tom de saudosismo para o momento anterior ao comando do boi Juvenal; porém, mesmo com o fim da experiência pecuária comandada por esse líder, a sociedade dos animais já não pode mais retornar ao que era antes, isto é, resgatar um espaço de liberdade, considerando que aquele espaço sofrera um processo opressor e de perda da individualidade. Para confirmar essa questão, é preciso recorrer ao desfecho do enredo.

POR MEIO de um ofício bastante complicado, como que encabulado, cheio de acidentes gramaticais, acentos agudos, crases ameaçadoras, reticências, parênteses e/ou hífen, aspas, e mais vírgulas, sempre separando sujeito e verbo, como se aquele sujeito, não fizesse questão de assumir seu verbo, e, através de um ato desses, que eu não gostaria de incluir aqui, mesmo porque está dando praia, e eu não tenho nada com isso, isso é novela, é só bestialógico, então Juvenal mandou liquidar o gado restante, ele compreendido, decretando o fim da experiência pecuária, na Fazenda Modelo, e destinando seus pastos, a partir deste momento histórico, à plantação de soja tão-somente, porque resulta mais barato, mais tratável e contém mais proteína (BUARQUE, 1968, p. 137 -138).

Observa-se que os animais são descartados e substituídos, processo que revela que o valor social que eles tinham era apenas enquanto eram rentáveis e poderiam servir à ideologia dominante. Outro aspecto a ser destacado no trecho é a ideia de se calar diante das atrocidades cometidas durante o funcionamento do *Esperma Export*, pois os culpados pelas barbáries e fracasso do projeto não assumiram a responsabilidade (o sujeito não assume o seu verbo).

---

5 Considero a principal estratégia literária da literatura distópica a desfamiliarização: concentrando suas críticas à sociedade em cenários imaginativamente distantes, ficções distópicas fornecer novas perspectivas sobre práticas sociais e políticas problemáticas que, de outra forma, poderiam ser um dado adquirido ou considerado natural e inevitável (tradução nossa)

6 É importante salientar que essa ideia de futuro não aparece em *Animal Farm* e nem em *Fazenda Modelo*.

No caso de *Animal Farm*, os animais sonham com um mundo melhor e diferente do momento em que vivem. Isso significa que eles não nutrem um desejo nostálgico de um tempo passado, até mesmo porque o período anterior também era marcado por sofrimento. No entanto, o final da narrativa carrega um efeito trágico, pois mostra as esperanças se diluindo através da intersecção de dois polos de poder opressores: homens e porcos. No último parágrafo, pode-se analisar o desfecho desse sonho.

Twelve voices were shouting in anger, and they were all alike. No question, now, what had happened to the faces of the pigs. The creatures outside looked from pig to man, and from man to pig, and from pig to man again; but already it was impossible to say which was which (ORWELL, 1986, p. 81)<sup>7</sup>

O final trágico dessa narrativa mostra a aliança entre porcos e humanos, a intersecção entre o tradicional e o novo, mas que não resultará em um projeto satisfatório. Os sonhos alimentados no início da trama se esvaem, pois os porcos, ao assumirem o poder, assumiram também as características que criticavam nos humanos, como o autoritarismo e o egoísmo.

A escrita de George Orwell e Chico Buarque articula os problemas do tempo e do espaço em que vivem, o que confirma a ideia defendida por Booker (1994) sobre a distopia, uma vez que ela deve ser compreendida em paralelo com o contexto histórico da produção. Sem dúvida, essas obras, pelo caráter amplamente empenhado, representam a coragem em debater os efeitos do medo que cercava aquelas sociedades em crise.

## DISTOPIA E O PROCESSO DE RACIONALIZAÇÃO<sup>8</sup>

Os enredos de *Animal Farm* e *Fazenda Modelo* não são construídos pelo viés da idealização de um tempo ou de um espaço. Ao contrário, eles articulam um olhar crítico para o social, através de uma trama iniciada com um projeto de criação de um modelo ideal de sociedade, mas que, gradativamente, resulta em sociedades deformadas, com base nos governos totalitários e/ ou ditatoriais. Embora haja uma estreita ligação com a consciência da realidade, as obras não apontam uma mudança satisfatória para essa realidade.

Conforme Pavlovsky (2014),

as utopias e as distopias acionam aspectos do imaginário humano que funcionam simultaneamente como crítica do tempo presente e projeção das possibilidades

---

<sup>7</sup> Doze vozes gritavam, cheias de ódio, e eram todas iguais. Não havia dúvida, agora, quanto ao que sucedera à fisionomia dos porcos. As criaturas de fora olhavam de um porco para um homem, de um homem para um porco e de um porco para um homem outra vez; mas já era impossível distinguir quem era homem, quem era porco (tradução de Heitor Aquino Ferreira. p.111-112).

<sup>8</sup> Algumas das reflexões contidas nesse tópico podem ser encontradas do artigo “Olhar Distópico: Um estudo sobre *Animal Farm* de George Orwell e *Fazenda Modelo* de Chico Buarque” publicadas no livro *Direito e literatura: perspectivas interdisciplinares*.

futuras. Esse processo, ao invés de encontrar termo com o início do terceiro milênio, parece recuperar o poder argumentativo que lhe foi característico, especialmente na primeira metade do século passado (p. 7).

O enfreteamento entre o passado e o presente dialoga com o pensamento crítico em relação à construção de uma sociedade perfeita. As narrativas em estudo verbalizam a crítica às características formadoras do século XX, no que diz respeito ao seu caráter político e humano, considerando que tais aspectos dialogam com os traços negativos que configuram as sociedades da época daqueles contextos de guerras e ascensão do totalitarismo. Foi nesse momento da história mundial que as produções que ficariam conhecidas como distópicas ganharam projeções, em conformidade com as Guerras Mundiais, regimes totalitários e Auschwitz, elementos que marcaram o século passado. Segundo Eric Hobsbawm (2008),

para esta sociedade, as décadas que vão da eclosão da Primeira Guerra Mundial aos resultados da Segunda foram uma Era da Catástrofe. Durante quarenta anos, ela foi de calamidade em calamidade. Houve ocasiões em que mesmo conservadores inteligentes não apostariam em sua sobrevivência. Ela foi abalada por duas guerras mundiais, seguidas por duas ondas de rebelião e revolução globais que levaram ao poder um sistema que se dizia a alternativa historicamente predestinada para a sociedade capitalista e burguesa (p.16).

A “era dos extremos” renasce no contexto das narrativas em estudo, considerando que os fatores que caracterizam esse período, como o aniquilamento e as indagações sobre a humanidade, materializam-se na arte e na literatura. A era da catástrofe, como também ficou conhecido o século XX, fez com que as distopias ganhassem força, pois essa forma de olhar para o sistema social, não previa um mundo melhor para a humanidade, mas sim um espaço de opressão, incertezas e medo. Pavlovsk considera que “o conceito de distopia é fortalecido a partir da crítica a utopistas acusados de conceberem um modelo de sociedade universal que generaliza os desejos e desconsidera as vontades humanas” (2014, p. 44).

É nesse ponto que a crítica ao mundo utópico se fortalece, sobretudo porque as utopias desconsideram a individualidade do sujeito e, ao tentar construir um espaço de perfeição, desconstrói a liberdade. Esse pensamento alinha-se às ideias de Berlin (1991), ao considerar que a “distopia assume esse direito que os seres humanos têm em ser individualizado, uma vez que, a submissão a uma ideologia esmaga a liberdade e a vitalidade do homem” (p.49). Ainda sobre a crítica aos utopistas, é possível afirmar que

grande parte das sociedades utópicas apresenta como característica um rígido controle das ações individuais, como forma de manutenção da estabilidade alcançada. Para esses autores, o modelo utópico se baseia em grande medida na uniformidade política e ideológica de seus cidadãos. Não basta desejar o paraíso social, os indivíduos devem oferecer sacrifícios pessoais para que a ordem seja preservada. As decisões políticas são centralizadas

no soberano utópico ou num reduzido grupo de legisladores, cabendo aos demais membros do grupo o atendimento irrestrito aos desígnios dos líderes do Estado. Por exemplo, na *República* de Platão, roupas, cortes de cabelo, formas de entretenimento, entre outras coisas, são severamente controladas por guardas do regime. Em *A Nova Atlântida* de Francis Bacon a vida dos cidadãos é direcionada e vigiada por uma instituição chamada Casa de Salomão (PAVLOVSK, 2014, p.54).

As palavras “estabilidades” e “sacrifícios”, que estão na citação acima, materializam o discurso encontrado em *Animal Farm* e *Fazenda Modelo*, considerando que, em nome de um espaço estável e ordenado, as personagens precisam abrir mão dos seus desejos pessoais e, dessa forma, a individualidade é esmagada por uma falsa ideia de coletividade.

As personagens da narrativa de Orwell utilizam o trabalho como forma de fortalecer o animalismo; um exemplo disso é o próprio Sansão que é tomado como representante desse agente da ficção que abandona o seu bem-estar e as suas limitações físicas, para poder atuar em prol do coletivo. Ao proferir a frase “trabalharei mais ainda”, a personagem incorpora um falso discurso de liberdade e de igualdade, já que ele se priva da sua condição de individualidade para, então, agir pela comunidade. Essa cena aguça a indagação sobre até que ponto essa atuação, apenas no social, é satisfatória? Pode-se afirmar que junto a esse esmagamento do eu há a alienação do indivíduo e, mais do que isso, um favorecimento para que os agentes que organizam aquela sociedade continuem no poder. Esses aspectos são uma das características dos textos utópicos, mas que o gênero distópico irá incorporar em seu discurso como forma de criticar a falta de subjetividade em determinadas organizações sociais.

Em diálogo com essa ideia, Berlin (1991) afirma que as distopias

pintam um quadro horripilante de uma sociedade sem atritos em que as diferenças entre os seres humanos são, tanto quanto possível, eliminadas, ou pelo menos reduzidas, e o padrão multicolorido dos vários temperamentos, inclinações e ideais humanos – em suma, o próprio fluxo da vida – é brutalmente reduzido à uniformidade, aprisionado em uma camisa-de-força social e política que fere e estropia, terminando por esmagar os homens em nome de uma teoria monística, do sonho de uma ordem perfeita e estática (p. 48-49).

Essa ideia configura-se novamente no discurso de *Animal Farm*, no momento caracterizado como o mistério do leite e das maçãs, alimentos que eram consumidos apenas pelos porcos, sob a justificativa de que fora comprovado cientificamente que eles trariam benefícios à saúde dos suínos. Por isso, eles mereciam consumi-los por serem os responsáveis pelas atividades intelectuais e, portanto, precisavam do seu consumo para continuar mantendo os princípios de organização do animalismo e manter os humanos afastados da fazenda.

A palavra ligada a “ordem” não fora utilizada de modo aleatório, considerando que ela permeia o enredo das narrativas em estudo, direcionando a interpretação para a ideia de aprisionamento em favor do Estado. Ao criar um modelo de perfeição, o mundo utópico procura ordenar e racionalizar a vida. De acordo com Teixeira Coelho (1981), a imaginação

utópica não produz somente o que favorece uma vida melhor, mas essa racionalização cria um espaço distópico.

Tais elementos tornam-se mote também em *Fazenda Modelo*, como nos momentos em que os modos mecânico e tecnicista assumem espaços na vida dos personagens. Essa questão pode ser observada nos métodos tecnológicos de reprodução da espécie (coleta de sêmen, órgãos artificiais, massagem retal e a eletroejaculação), o que impedia o contato íntimo direto entre os personagens (Bois e vacas). Corroborando com essa ideia, as palavras gravidez, cordão umbilical e espermatozoide vão aparecer na narrativa como um diálogo à concepção de uma nova vida que, no enredo, representa um ponto negativo, pois o ambiente natural de liberdade cede espaço a um ambiente repressor.

Esse cenário, em que o processo de reprodução tecnicista articula o ideal desenvolvimentista de Juvenal, representa uma tortura na vida dos personagens, sobretudo Abá e Aurora, que são privados do contato íntimo, já que ele era apenas o reprodutor e, portanto, precisava abandonar os sentimentos. Em decorrência desse compromisso com o sistema, essa personagem protagoniza cenas de desesperos, necessitando do contato com sua amada.

Abá quer vê-la um minuto só, trocar duas palavras, mas há índices satisfatórios de ganho de peso dos animais no primeiro período, enquanto se dá uma paralisção ou perda em relação ao peso no segundo chegando muitas vezes a 20 ou 30 % de perda em relação ao peso atingido em abril, ver gráfico, dane-se o gráfico, pois em meados de fevereiro Abá já dava mostras de exasperação sexual, ou crise existencial, como se diz (BUARQUE, 1975, p. 40).

Observa-se, nessa passagem, que a vida desses animais é sedimentada por princípios numéricos, dando maior ênfase a um processo de regulação da vida e mecanização da existência. A respeito das personagens que compõe essa narrativa, é importante considerar que esses seres ficcionais ocupam polos ideológicos opostos; enquanto alguns são submissos, outros encaram e desafiam o poder, na tentativa de promover a libertação frente a um sistema político antidemocrático.

As ponderações tecidas anteriormente permitem-nos afirmar que, nas obras em estudo, os personagens (apresentados como animais) representam as tensões humanas frente aos embates políticos e suas consequências. Isso quer dizer que eles perfazem um tempo e espaço marcado pelo medo e autoritarismo, bem como pela opressão social. Deste modo, as tramas incitam, inicialmente, um discurso crítico sobre as utopias e, aos poucos, transformam-se em um debate distópico. Neste caso, a utopia surge como uma forma de resistência ao aprisionamento, uma reflexão crítica de como era e de como ficou o ambiente, depois da instalação do Animalismo em *Animal Farm*, e do *Esperma Export* em *Fazenda Modelo*.

Nessa perspectiva, o passado surge de modo utópico, como se essa forma de organização social habitasse a memória dos personagens, ofertando a eles a esperança de um futuro diferente. Diante do exposto, pode-se dizer que a escrita utópica, nos textos em análise, surge como rememoração, porém são concebidas de maneiras diferentes a partir dos espaços socioculturais e políticos dos autores. Na obra de Chico Buarque, encontra-se uma espécie de saudosismo de uma vida social de liberdade e de felicidade. No texto de Orwell, o que se

expressa é um passado e um presente dignos de serem reformulados, pois denotam a servidão e a falta de liberdade.

O enredo distópico das narrativas tem como alicerce as utopias, na mesma medida em que criticam como esses elementos são modelados nos textos, considerando que as distopias apresentam uma reflexão sobre a planificação da vida como fator que conduz à falta de liberdade e promove um cenário oposto ao paraíso. Deste modo, os textos, moldados sob esse alicerce, colocam o leitor em confronto direto com as realidades históricas, o que significa dizer que elas aguçam um debate sobre o processo histórico e o sujeito que nele está inserido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Animal Farm*, embora dialogue com o contexto da Revolução Russa e seus antecedentes, é uma obra que apresenta características universalizantes que a torna crítica a diversas formas de regimes antidemocráticos. *Fazenda Modelo* segue vertente semelhante, pois é uma narrativa que está projetada no período do milagre econômico do Brasil, um momento em que crescia a economia e também a desigualdade social, em pleno regime ditatorial. Nesse sentido, ambas as produções desnudam os bastidores desses regimes, em que, diante da opressão e da tortura, não seria possível a criação de um ambiente idealizador.

Verticalizam-se o discurso de manipulação, em que se opera o esmagamento de humanidade, a fim de proceder à construção de sociedades oprimidas e totalitárias. Em *Fazenda Modelo*, esse discurso é operacionalizado pelas ações da personagem Juvenal e seus correligionários, considerando que são eles que detêm o poder e o controle daquele espaço, aplicando medidas rígidas e severas aos opositores, em alusão ao Brasil daqueles anos de chumbo. Em *Animal Farm*, a manipulação é articulada na atitude dos porcos que tomam para si a centralização e organização daquele ambiente, tornando-o opressor, com *Slogans* que disseminam falsas ideias e regras.

As narrativas partem de uma idealização, projeção utópica, mas que se desviam dessa meta ao logo das tramas. Nesse desvio, reside aquilo que se designa de virada distópica, quer dizer, aquele momento em que os sonhos e as esperanças são suprimidos. Diante disso, pode-se afirmar que as projeções distópicas são frutos da “era dos extremos”, que, na linha de pensamento de Eric Hobsbawn, define o período de aniquilamento de esperanças e, sobretudo, questionamento do homem sobre os seus percursos. Essas questões provocativas são plasmadas na arte e na literatura, uma vez que elas lançam diagnósticos sobre movimentos que abalaram as estruturas socioculturais, políticas, econômicas e existenciais de épocas específicas.

A Ditadura Militar, no Brasil, e o Totalitarismo, na URSS, são exemplos de processos históricos que conduziram à distopia, justamente porque possibilitaram o enfraquecimento da condição humana, pelas experiências negativas e sonhos frustrados. O desfecho das narrativas de Orwell e Buarque propõe essa leitura, pois, considerando os finais pessimistas, desnudam-se o futuro caótico e o esfacelamento das promessas utópicas. O que ecoa são pensamentos ideológicos que nasceram otimistas, mas que se transformaram, negativa-

mente, ao longo do percurso. Essa transformação reverbera um momento de apatia e descontrole social. Diante desse cenário desanimador representado pelas literaturas distópicas, é interessante perceber que o discurso construído foge do mero desejo pela fruição estética, pois aciona um convite à reflexão sobre a realidade perturbadora do processo histórico em construção.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERLIN, Isaiah. **Limites da Utopia: Capítulos da História das Idéias**. São Paulo: Companhia das Letras: 1991.

BOOKER, M. Keith. **Dystopian literature: a theory and research guide**. Westport: Greenwood, 1994.

BUARQUE, Chico. **Fazenda Modelo: novela pecuária**. 5ª edição. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1975.

COELHO, Teixeira. **O que é utopia**. 3. Ed. São Paulo: Barsileinse, 1981.

HOBBSAWN, Eric. **Era dos Extremos**. O breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

OLIVEIRA, Thainá Aparecida Ramos. **A configuração distópica da nação em *Animal Farm* de George Orwell e *Fazenda modelo* de Chico Buarque**. (Tese de doutorado). Orientação de Agnaldo Rodrigues da Silva. Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Universidade do Estado de Mato Grosso. Tangará da Serra- MT, 2020.

OLIVEIRA, Thainá Aparecida Ramos de. Olhar Distópico: Um estudo sobre *Animal Farm* de George Orwell e *Fazenda Modelo* de Chico Buarque. In: MAGALHAES, Epaminondas de Matos; RODRIGUES, Jeferson Antonione; JUNIOR, Renalto Ferreira Bina. **Direito e literatura: perspectivas interdisciplinares**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2020.

ORWELL. George. **A Revolução dos Bichos: um conto de fadas**. Tradução de Heitor Aquino Ferreira. São Paulo: Companhia Das Letras, 2007.

ORWELL. George. **Animal Farm: a fary story**. London: Penguin Student editions, 1999.

PAVLISKI, Evanir. **1984: a distopia do indivíduo sob controle**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/2996>. Acesso em: 01/ 12/2021.

